

PROXIMIDADES DESIGIAIS

Mediação virtual
Material do(a) professor(a)



INSTITUTO PAVÃO CULTURAL

BEM-VINDOS(AS)!

Somos o Pavão Cultural, um espaço dedicado às artes visuais e à cultura localizado na cidade de Campinas, em funcionamento desde 2019. Realizamos diversas exposições e contamos em nossos projetos com profissionais da educação que promovem atividades e mediações culturais voltadas para o público escolar e outros, de maneira gratuita por meio de agendamentos. Em períodos em que o distanciamento social se faz necessário, lançamos pela primeira vez uma mediação virtual.

No primeiro semestre do ano de 2020 inauguramos a exposição Proximidades Desiguais, em homenagem ao mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher (8 de Março). Uma mostra coletiva com 16 artistas. Nosso educativo elaborou um material virtual especialmente para a ocasião. Este, que você está lendo, é o material do(a) professor(a) e nele terá acesso às principais informações sobre a exposição.

CRÉDITOS

Produção · Pavão Cultural - Mario Braga e Teresa Mas

Curadoria · Sérgio Niculitcheff

Educativo · Paula Monterrey

Design gráfico · Amanda Erler

Edição de áudio e vídeo · Laura Andare

Expografia · Pavão Arquitetura e Expografia S/C Ltda.

Agradecimentos ·

Luciana Brito | Galeria

GALERIA MILLAN



CASATRIÂNGULO

SUMÁRIO

aqui você vai encontrar:

SOBRE A EXPOSIÇÃO:

01/ Proposta curatorial

01/ Mediação virtual

ARTISTAS PARTICIPANTES

02/ Ana Calzavara

03/ Fernanda Pupo

04/ Júlia Stradiotto

05/ Julia Goeldi

06/ Lilian Walker

07/ Luise Weiss

08/ Lygia Eluf

09/ Maria Bonomi

10/ Natália Gregorini

11/ Paula Almozara

12/ Paula Chimanovich

13/ Rochelle Costi

14/ Renina Katz

15/ Sylvia Furegatti

16/ Tarsila do Amaral

17/ Vânia Mignone

EDUCATIVO

18/ Dica de leitura

20/ Atividade prática

PROPOSTA CURATORIAL

Neste momento especial da contemporaneidade, vislumbramos no fazer artístico uma enorme permeabilidade no uso de procedimentos e materiais ao mesmo tempo que apresenta uma ausência de paradigmas. Em uma dinâmica em constante mutação, nunca se produziu tanto e de maneiras tão diferenciadas, sem estéticas preponderantes. Esta mostra se propõe a reunir obras de um conjunto de artistas numa abordagem específica que vislumbre um pequeno segmento do que é produzido hoje na arte brasileira.

A produção artística na contemporaneidade está pautada na diversidade, nesta mostra procurou-se reunir uma variedade de procedimentos a serviço da poética e da individualidade na pesquisa das artes visuais. A exposição foi pensada e se apresenta como um dos recortes possíveis dentro de inúmeras produções que divisamos na atualidade, distintas tanto nas investigações poéticas quanto nas questões técnicas e de materiais utilizados. Os enfoques das obras expostas são desiguais denotando um ecletismo sem estéticas preponderantes, sem cânones ou padrões estabelecidos. Exatamente este é o caráter que as tornam ricas e atrativas. As questões estéticas são atemporais, apesar da extensa faixa etária das artistas, composta de distintas gerações, elas interagem e coabitam satisfatoriamente no tempo presente.

Além do fato de serem mulheres artistas, todas demonstram qualidades intrínsecas, contrapondo jovialidade e experimentação com maturidade e sabedoria formal. Cada uma delas, a sua própria maneira, apresenta em sua produção qualidades explícitas respondendo à questões poéticas da atualidade. O individual refletindo o universal e reverberando no coletivo, proporcionando obras sensíveis, contundentes, instigantes e inovadoras.

Sergio Niculitcheff 2020.

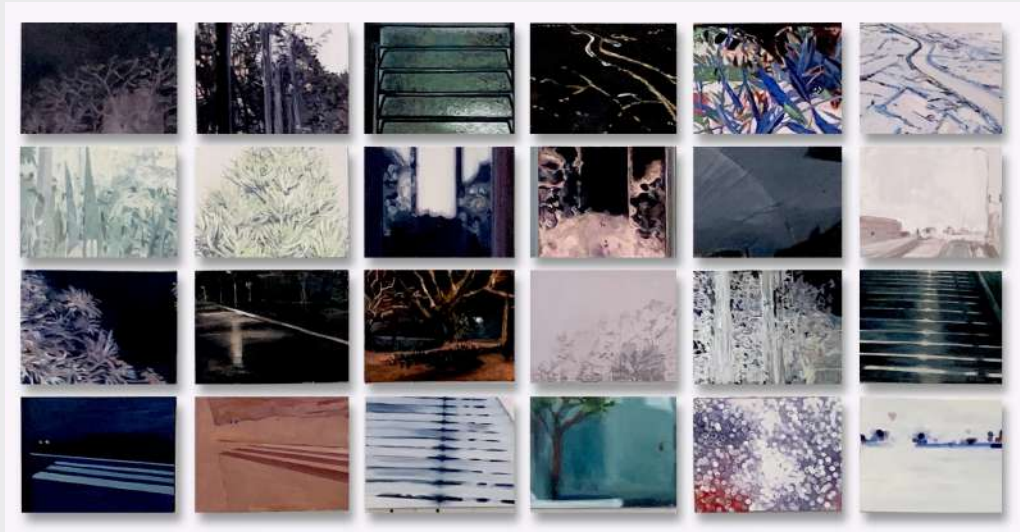
MEDIAÇÃO VIRTUAL

A proposta de mediação virtual da exposição Proximidades Desiguais é composta por materiais em formato de vídeo e texto. O vídeo, que está alocado no perfil do Pavão Cultural no youtube, pode ser acessado gratuitamente. Nele encontrará uma visita à exposição em questão com o acompanhamento de uma educadora que estabelece as abordagens pedagógicas e perguntas disparadoras para leitura de imagens. Partindo das obras da exposição, o percurso foi subdividido pela educadora em três eixos: paisagens, figuração x abstração e histórias/memórias. O vídeo é voltado para estudantes do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA, e pode ser compartilhado com os estudantes via hiperlink por meio de diferentes plataformas.

Em formato de texto temos o material do(a) professor(a), que pode ser encontrado na descrição do vídeo no youtube, e compartilhado entre professores via hiperlink ou baixado e compartilhado como arquivo (pdf). Nele trazemos o texto curatorial e mais informações sobre as artistas, além de referências e vídeos que podem ajudar a complementar os estudos de professores(a) e estudantes. Trazemos também nos dois últimos capítulos deste material nossa proposta de leitura complementar voltada para os(a) professores(a) e a descrição de uma atividade prática voltada para os estudantes, que podem compor com as propostas de aula ou de atividades de incentivo ao estudo, que veem sendo realizadas de maneira remota pelas diferentes instituições de ensino básico. Contudo, construímos este material para ser apropriado por cada professor(a) e utilizado como melhor lhe servir, seja com foco no tema da exposição ou em alguma técnica e artista específica. Para isso os(a) convidamos a explorarem os links compartilhados em cada capítulo, que os(a) levarão a textos e a vídeos complementares e poderão abrir outras perspectivas pedagógicas.

Corroboramos o caráter diverso da exposição apresentado pela curadoria. Ainda que todas as artistas pertençam a uma tradição ocidental em comum do fazer artístico, compõe esse material mulheres de diferentes faixas etárias, de percursos artísticos consolidados e reconhecidos internacionalmente, e artistas jovens em início de carreira. Artistas que desempenham suas investigações poéticas a partir de diferentes instituições, com diferentes vocabulários e linguagens visuais. Dessa maneira as referências complementares presentes aqui também respondem a essa diversidade, sendo de naturezas bastante distintas, mas que cumprem a intenção de oferecer um espaço de contato direto entre os(a) professores(a) e os discursos das artistas sobre suas próprias obras, assim como também auxiliar a compreensão sobre alguns procedimentos e técnicas artísticas mais específicas com exemplos práticos disponíveis na internet.





MAIS UM PASSO E SE DESFAZ

Óleo sobre tela
28 peças 30x40 cm
2016/2019

Bacharel em Artes Visuais pelo IA Unicamp; pós-graduada em Pintura pela Byam Shaw School of Art, Londres; mestre [2006], doutora [2012] e pós-doutora [2018] em Poéticas Visuais pela ECA/USP. Frequentou os ateliês de gravura do Museu Lasar Segall e do Museu de Arte Contemporânea (orientados por Cláudio Mubarac e Evandro Jardim), de pintura com Paulo Pasta, de fotografia com João Luiz Musa, e aulas de Crítica e História da Arte com Jorge Coli, Leon Kossovitch, Rodrigo Naves e Sônia Salzstein. Foi uma das fundadoras do Ateliê Piratininga, um dos primeiros ateliês coletivos de São Paulo. Suas obras participam de acervos do Museu do Douro, Portugal; Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS); Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS); Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR); Museu de Arte Contemporânea de Santo André, SP; Universidade de São Paulo (USP) e do Museu Olho Latino, Atibaia, SP.

O conjunto de pinturas que compõe a obra 'Mais um passo e se desfaz' de Ana Calzavara já foram expostas em diferentes arranjos. Na exposição Proximidades Desiguais, 28 telas compõe de maneira ordenada um grande conjunto retangular onde diferentes quadros expõe fragmentos de paisagens elaborados em pintura a partir de referências fotográficas. As fotografias que inspiraram a artista tem diferentes procedência, algumas sendo de sua autoria, de espaços por onde passou ou mesmo de lugares cotidianos. Sua principal investigação está relacionada com a luz e em como ela pode criar diferentes percepções imagéticas de uma mesma paisagem.

Saiba mais sobre Ana Calzavara e seu processo artístico (vídeo 21min02), clique no link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=DMeRYazoSoQ>





SEM TÍTULO

Carvão e tinta acrílica sobre papel

20x29 cm

2019.

Artista Plástica, atualmente mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Unicamp, SP, Pós-Graduada em Propaganda e Marketing na ESPM, SP, Graduada em Comunicação Social na PUCC, SP. Especialização em Artes Visuais pela Unicamp e Tote Espaço Cultural. Participou das exposições coletivas no Tote Espaço Cultural, em Campinas, “Impressões” (2019) no Subsolo, Campinas, na exposição “Matrix 20 anos” no Centro Cultural IEI, Unicamp. Realizou também exposições individuais “DELFIM” no Centro de Convenções, no CECOM, na Casa do Lago (2018), Unicamp, SP. Realizou o Concept Art e performance “Fragmentos de Lavínia” (2019) no Centro Cultural no IEI, Unicamp, Campinas, SP, entre outros.

Um conjunto de obras recentes da artista Fernanda Pupo fizeram parte da exposição Proximidades Desiguais. A artista que trabalha a partir de um intenso processo de investigação material utiliza diferentes itens como o carvão e a tinta acrílica em estudos de composição que vão criando rastros e sobreposições até chegar ao resultado final. O conjunto total é a evidência dessa intensa investigação artística e nos mostra a diversidade de resultados visuais possíveis a partir desses materiais.

Saiba mais sobre Fernanda Pupo e conheça outros de seus trabalhos (artigo jornalístico) clique no link abaixo:

<http://agenciasn.com.br/arquivos/11294>





CASQUINHA (I)

laquarela, tule bordado, linha de bordado e miçangas sobre papel
20,5x26,5 cm
2020.

Artista visual, vive e trabalha em Americana-SP. Graduada em artes visuais pela Unicamp [2011-2016] e mestranda em artes visuais pela Unicamp [2019], complementou seus estudos com um intercâmbio para a Universidade do Porto [2015]. Desde 2012, participa de exposições coletivas nacionais e internacionais. Atualmente é, também, professora do ensino fundamental em Americana.

Júlia Stradiotto expôs parte de trabalhos de duas séries recentes (Rasgos e Casquinhas), que dialogam com o restante de suas investigações artísticas dentro de uma perspectiva autobiográfica. A partir de técnicas mistas, com a fotografia e a representação em desenho e aquarela de seu próprio corpo a artista intervem com bordados, miçangas e lantejoulas sobre as imagens como uma forma de tradução de suas experiências convivendo com uma doença autoimune. Os trabalhos desvelam vivências do campo íntimo explorando questões vinculadas a representação da feminilidade.

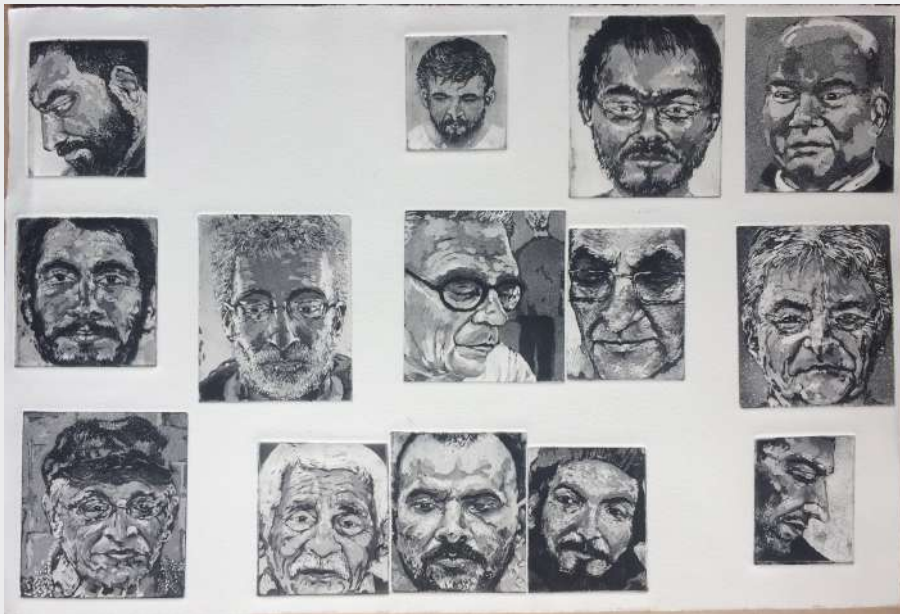
Saiba mais sobre autobiografia na arte contemporânea (artigo de blog) clique no link abaixo:

<https://leiturascontemporaneas.org/category/arte-contemporanea/>



ARTISTAS

JULIA GOELDI



SEM TÍTULO

Água tinta sobre papel

Dimensões variadas

2018.



GABINETE DE ESTAMPAS
Departamento de Desenhos e Gravuras da Unicamp

Bacharel em Poéticas Visuais na área de gravura pela Universidade de São Paulo. Em 2019 conclui o mestrado na USP na área de Poéticas Visuais com aprofundamento na técnica água tinta. Atualmente seu processo se desenvolve essencialmente através da técnica da água tinta.

Júlia Goeldi se dedica a gravura e compartilha na mostra alguns de seus trabalhos. Partindo do desenho de observação de objetos, cenas e pessoas, a artista confecciona as matrizes em metal que darão luz às impressões por meio da técnica da água tinta. Repare que as imagens não são formadas por linhas ou traços de desenhos, mas sim por manchas, áreas de luz e sombra.

É importante aqui ressaltar a diversidade de tipos de gravuras e as especificidades que cada material e técnica comporta. Em nosso material de vídeo mediamos para os estudantes uma breve introdução à gravura, a partir de seu significado etimológico, relacionado ao escavar, e da comparação ilustrativa com um carimbo. Contudo esse exemplo é mais próximo da gravura em madeira, ou xilogravura. É importante, com tempo, trazer as diferenças de cada técnica junto aos estudantes. Por exemplo na água tinta, técnica da gravura em metal, são exatamente os acúmulos de tinta dentro dos pequenos sulcos criados na chapa metálica que tornam possível a impressão da imagem. O oposto acontece na xilogravura, onde os sulcos na superfície da madeira são as áreas resguardadas de tinta, como em um carimbo. Para exemplificar os diferentes processos das gravuras sugerimos trabalhar com vídeos. Explore abaixo alguns links.

Saiba mais sobre Júlia Goeldi, sobre seu processo artístico e outras obras (site de artes e vídeo 3min33)

<http://www.cantogravura.com.br/artistas-detalhes.asp?artistaId=220&lang=pt>

<https://www.youtube.com/watch?v=jtAdRq-zvfY>

Saiba mais sobre a técnica da água tinta (vídeo 9min03)

<https://www.youtube.com/watch?v=L3HdGf1IVCk>



ARTISTAS

LILIAN WALKER



HUMOSA, da série Crosta.

Tinta óleo e impressão fotográfica em tela

132x195x3 cm

2018.

Artista visual, vive e trabalha em Campinas-SP. Possui graduação e mestrado em Artes Visuais pela Unicamp, tendo complementado seus estudos em um intercâmbio na Universidade do Porto [2015]. Atua na área de educação artística e desenvolve uma pesquisa teórico-prática sobre as relações poéticas entre corpo e paisagem envolvidas no seu trabalho artístico.

As telas de grande formato de Lilian Walker trazem a coexistência da fotografia e da pintura na criação de novas imagens, que se afastam da representação e criam grandes paisagens próximas a abstração. Com fotografias do corpo humano em extremo zoom, impressas diretamente em canvas (tecido de tela), já não conseguimos reconhecer de que parte do corpo a imagem provêm, e a artista abre, com as tintas, um novo campo amplo de percepções. As camadas de tinta são espessas e também conferem um relevo e uma paisagem tridimensional às obras.

Saiba mais sobre Lilian Walker e conheça outros de seus trabalhos (site de arte)

<http://doiseum.com/lilian-walker/>

Saiba mais sobre a paisagem na arte contemporânea (artigo jornalístico)

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,paisagem-e-redescoberta-na-obra-de-artistas-contemporaneos,1152704>



ARTISTAS

LUISE WEISS



BARCO
Xilogravura
40x50 cm
2017.

Gravadora, pintora, fotógrafa, professora. Gradua-se em artes plásticas, em 1977, pela ECA/USP, Em 1990 é agraciada com a Bolsa Vitae pelo projeto Fragmentos. Mestre, em 1992, pela ECA/USP, conclui o doutoramento em 1998, na mesma universidade, com a tese Retratos Familiares: in Memoriam. Em 2001 vai para a Áustria, terra de seus antepassados, munida de fotografias antigas e fotografa alguns dos locais onde eles viveram. Realiza pinturas com base nessas fotografias, expostas em 2004. Em 2002 retoma o contato com a tia-avó Clara Weiss, que lhe fornece mais fotografias de família para a execução de suas obras. Começa, em 2003, a preparação do projeto de sua livre-docência na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde desde 1997 é professora de gravura e desenho.

As seis gravuras de Luise Weiss que compõe a mostra Proximidades Desiguais fazem parte de suas investigações em xilogravura. As obras são feitas com sobreposições de impressões de diferentes matrizes criando sutis camadas de cor, de luz e de sombra. A artista também desenvolve pesquisas na área de fotografia e tem como interesse questões da memória em suas produções. A série de Barcos, faz parte dessas pesquisas em observação a fotografias antigas. Apesar de seu tema ter vínculo com parte de sua história familiar, é importante reconhecermos que a memória já é hoje um tema de grande pesquisa nas artes, e como um campo de investigação não deve ser confundido meramente com uma experiência individual e biográfica, mas talvez seja mais interessante vê-la como um processo de construção de um pensamento.

Saiba mais sobre Luise Weiss e conheça outros de seus trabalhos (site de arte e site jornalístico)

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9394/luise-weiss/obras>

https://entretenimento.uol.com.br/album/luise_weiss_masp2010_album.htm#fotoNav=1

Saiba mais sobre a memória na arte contemporânea (artigo jornalístico)

<https://blog.artsoul.com.br/tempo-memoria-e-arte-contemporanea/>

Saiba mais sobre a técnica da xilogravura (vídeo 2min10)

<https://www.youtube.com/watch?v=hh02anPzC9M>



ARTISTAS

LYGIA ELUF



RIO DAS ALMAS. (Cavalcante / GO)

Gravura digital

1,10x1,07 cm

2019.

Graduada em Artes Plásticas pela Escola de Comunicações e Artes da USP [1982], obtém o grau de mestre [1992] e o grau de doutor [1998] na área de Artes Poéticas Visuais na mesma escola, sob a orientação de Regina Silveira. É professora livre docente no Instituto de Artes da UNICAMP (A construção da paisagem, 2004) onde atua desde 1989 nas disciplinas de desenho e gravura. Já realizou dezenas de exposições individuais pelo país e no exterior. Cria e implanta, em 1997, o Centro de Pesquisa em Gravura do Instituto de Artes da UNICAMP. Organiza em 1990 o Departamento de Pesquisa em Livros Raros e Gravuras na Livraria Corrêa do Lago, São Paulo. Pesquisadora [1980-1990] da Equipe Técnica de Pesquisas em Arte Brasileira Contemporânea, IDART, SMC, São Paulo. Coordenadora [1985-1990] da Equipe Técnica de Pesquisas em Arte Brasileira Contemporânea, Centro Cultural São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.

Rio das Almas (Cavalcante-GO) é uma série criada pela artista Lygia Eluf em diálogo com um lugar do mundo. Na exposição contamos com duas gravuras digitais pertencentes a essa série e o livro Rio das Almas. A proposta da artista, que tem predileção pela investigação das cores, não é uma representação realista de uma paisagem, mas a criação, a partir de uma experiência, de uma possibilidade visual. Sua investigação nos leva a pensar outras maneiras de lidar com os lugares que nos rodeiam. A técnica remete a impressão digital de alta qualidade, onde a artista concebe a imagem digitalmente, desencadeadas de suas investigações manuais na pintura e na gravura.

Saiba mais sobre Lygia Eluf e seu processo artístico (vídeo 7min28 e site de arte)

<https://www.youtube.com/watch?v=3IVhEFZohLw>

<http://www.gravurabrasileira.com/exposicao-detalhes.asp?lang=pt&expold=208>



ARTISTAS

MARIA BONOMI



A CARTA V/6
Litografia crayon
51x70 cm
2001.



Nascida em 1935 na Itália, emigrou para o Brasil em 1946, fixando-se em São Paulo. No início da década de 1950, estudou pintura e desenho com Yolanda Mohalyi e Karl Plattner [1919- 1989]. Em 1954, inicia-se na gravura com Lívio Abramo. Realizou sua primeira exposição individual em 1956, na cidade de São Paulo. No mesmo ano, recebe uma bolsa de estudos da Ingram-Merrill Foundation e estuda no Pratt Institute Graphics Center, em Nova York. Paralelamente, na Columbia University, estuda gravura e teoria da arte. De volta ao Brasil, frequenta a oficina e ateliê livre de gravura do MAM/RJ, com outros alunos como Anna Letycia Quadros, Anna Bella Geiger e Ruth Bess em 1959. Em 1960, em São Paulo, funda o Estúdio Gravura, com Lívio Abramo, de quem foi assistente até 1964. A partir dos anos 1970, passa a dedicar-se também à escultura. Produz também grandes painéis para espaços públicos. Em 1999, defende sua tese de doutorado 'Arte Pública. Sistema Expressivo/Anterioridade', na ECA/USP. Em 2001, foi agraciada com a comenda da Ordem do Rio Branco e, em 25 de outubro de 2010, recebeu a Ordem do Ipiranga, no grau Grande Oficial, pelo Governo do Estado de São Paulo.

Referência na área da gravura no cenário nacional, Maria Bonomi realiza suas pesquisas a partir de suas diversas técnicas como a xilogravura, a gravura em metal e a litogravura, como é o caso das obras expostas na mostra Proximidades Desiguais. Também explora em sua produção diferentes formatos, tendo desenvolvido ao longo da carreira propostas tridimensionais, escultóricas, instalativas e murais em espaços públicos, sempre partindo de um pensamento de gravura. As litografias apresentadas trazem as diferentes texturas e marcas gestuais mais orgânicas possibilitadas pela técnica e pela qualidade da pedra litográfica que absorve gordura podendo ser trabalhada com giz e tinta litográfica na confecção da matriz.

Saiba mais sobre Maria Bonomi, seu processo artístico e outros trabalhos (site da artista)

<http://www.mariabonomi.com.br/>

Saiba mais sobre a técnica da litogravura (vídeo 2min14)

<https://www.youtube.com/watch?v=vWfhl38t-j4>



ARTISTAS

NATÁLIA GREGORINI



MEMÓRIA CORPO CASA

matrizes e impressões de gravura em
embalagem longa vida
dimensões variadas
2020.

Nasceu em Rondônia, em 1990. Trabalha com ilustração. O seu maior encantamento é contar histórias com imagens. É formada em Artes Visuais pela Unicamp, onde também realizou a pesquisa de mestrado em poéticas visuais quando pesquisou o processo de criação do livro ilustrado Madalena, do qual se originou o presente trabalho de instalação, “memória corpo casa”.

A instalação artística proposta por Natália Gregorini é uma narrativa não linear que organiza na parede diferentes elementos de uma história. Personagens, objetos, lugares, situações são elaborados em matrizes cartonadas (de caixa de leite longa vida) e pequenas gravuras impressas dessas matrizes, que compõe a instalação e fazem parte, também, do livro Madalena, uma história de uma menina na casa de sua avó. O deslocamento das gravuras para o livro ou para a parede nos trás as diferentes possibilidades de como se contar uma história, revelando as diversas qualidades e percepções que diferentes suportes podem nos oferecer.

Saiba mais sobre Natália Gregorini e seu processo de criação (vídeo 5min12 e relato da artista)

<https://www.youtube.com/watch?v=HkeerlaFVSI>

<https://www.lugardeler.com/natalia-gregorini-madalena>

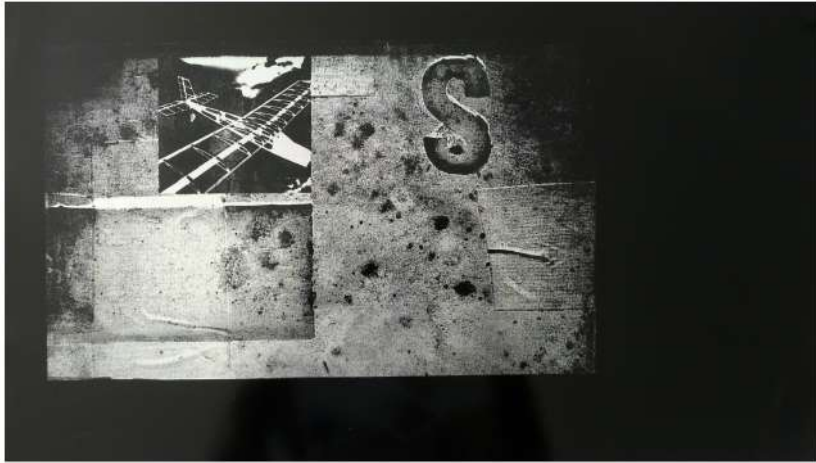
Saiba mais sobre a técnica de gravura em Tetrapak (vídeo 7min29)

<https://www.youtube.com/watch?v=cCedvu4cSso>



ARTISTAS

PAULA ALMOZARA



PEQUENA COLEÇÃO DE CENAS COTIDIANAS #1

transferência de fotografia por meio de impressão lito offset
sobre chapa de alumínio reciclada

30x53x3,3 cm

2014-2020

Artista visual, pesquisadora e professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Mestrado. Concluiu o Doutorado em Educação na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas em 2005. Realizou Mestrado em Artes Visuais pela Unicamp, onde desenvolveu trabalho poético visual e pesquisa sobre a história do desenho. Possui diversas publicações de álbuns e livros de artista e também exposições de artes visuais com ênfase em procedimentos gráficos, fotografia, vídeo e instalação. Atua na área de Artes em Poéticas Visuais Contemporâneas. Recebeu o Prêmio Brasil Fotografia 2014 - Bolsa Desenvolvimento de Projeto com o trabalho “à margem”.

Os trabalhos de Paula Amozara exploram os processos gráficos e a fotografia. Pequena coleção de cenas cotidianas é a série da qual pertencem as obras expostas na mostra, onde a artista utiliza a técnica da transferência fotográfica. Nessa proposta a artista reúne diferentes imagens, dentre elas algumas que remetem a outros de seus trabalhos, como é o caso do avião, em chapas metálicas. O suporte também se referencia a uma questão conceitual do trabalho de Paula Almozara. As chapas metálicas, que são utilizadas como matriz na impressão offset, que mudou a indústria gráfica no século XX por agilizar os processos de impressão em larga escala, são recicladas e usadas como suporte em uma técnica de impressão manual, como é o caso da transferência fotográfica, que consiste em uma espécie de reimpressão de imagens já impressas para um novo suporte.

Saiba mais sobre Paula Amozara e conheça outros de seus trabalhos (site de arte e vídeo 50min09)

[http://salgadeiras.outsystemscloud.com/SiteSol/Artist.aspx?InAlternativeMenuOption=8&InMenuOption=8&InArtistId=39&\(Not.Licensed.For.Production](http://salgadeiras.outsystemscloud.com/SiteSol/Artist.aspx?InAlternativeMenuOption=8&InMenuOption=8&InArtistId=39&(Not.Licensed.For.Production)

https://www.youtube.com/watch?v=ah_IHpR1ZL4&t=1488s

Saiba mais sobre a impressão offset (vídeo 4min23 e 2min04)

<https://www.youtube.com/watch?v=aKW5duow17w>

<https://www.youtube.com/watch?v=oauBTZIIInrY>



ARTISTAS

PAULA CHIMANOVICH



JOROGUMO E MULA SEM CABEÇA (JOGANDO)

tinta acrílica sobre tela

100x80 cm

2018

Artista plástica e graduou-se em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Nasceu em Brasília – DF, mas morou a vida inteira no Estado de São Paulo. Parte na capital, parte em Campinas. Atualmente tem uma produção que transita entre os campos da pintura, desenho, monotipias e a criação de livros de artista.

Com quatro pinturas, Paula Chimnovitch, compõe a mostra com peças figurativas de traços orgânicos, por vezes gestuais, e intensa investigação da cor. A artista, que transita entre o desenho e a pintura, também tem trabalhos em suportes diversos dentro de uma linguagem contemporânea, trabalhando a partir de diferentes corpos, personagens e situações. Na obra Jorogumo e a Mula sem Cabeça (jogando) a artista nos apresenta duas personagens de contos populares de diferentes culturas, do Japão e do Brasil, em uma cena inusual de seus contextos narrativos.

Saiba mais sobre Paula Chimnovitch e seus processos artísticos (entrevista)

<https://projetomulheresartistas.wordpress.com/2017/06/06/paula-chimnovitch/>

Saiba mais sobre os personagens Jorogumo e Mula sem Cabeça (artigo de blog)

<http://mitologialendasjapao.blogspot.com/2015/05/jorogumo.html>

<https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/mula/>



ARTISTAS

ROCHELLE COSTI



DA SÉRIE: DESMEDIDAS

C-Print analógico

151x102 cm

Nasceu em Caxias do Sul, 1961. Fotógrafa e artista multimídia. Forma-se em comunicação social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Porto Alegre, em 1981. Permanece seis meses em Belo Horizonte, e frequenta ateliês de arte na Escola Guignard e um curso de extensão sobre processos fotográficos do século XIX na UFMG. De volta a Porto Alegre, faz instalações com fotografias e objetos que coleciona. Em 1983, realiza a mostra individual Tentativa de Vôo, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Margs) e, a partir de então, expõe em outros Estados do Brasil. Nessa época, atua como fotógrafa de teatro e música. Em 1988, muda-se para São Paulo, onde trabalha com fotografia editorial. Vive em Londres, entre 1991 e 1992, período em que estuda na Saint Martin School of Art e na Camera Work. Participa da 24ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1998, e das 6ª e 7ª Bienais de Havana, em 1997 e 1999, entre outras mostras internacionais. Em 1997, recebe o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da Fundação Nacional de Arte (Funarte) e, três anos depois, a Bolsa de Artes da Fundação Vitae.

Na exposição Proximidades Desiguais contamos com duas fotografias de diferentes séries de Rochelle Costi. A artista, uma fotógrafa contemporânea, explora situações inesperadas a partir de referências populares, cotidianas ou de contextos específicos de diferentes cidades e explora a diversidade de suportes na fotografia. Aqui compartilhamos uma obra da série Desmedidas, que acontece a partir da investigação de escalas de objetos comuns dentro de uma casa de bonecas, cuja semelhança com um espaço interno de uma casa de madeira real cria disrupções e estranhamentos.

Saiba mais sobre Rochelle Costi, seu processo criativo e outras obras (site da artista e vídeo 4min02)

<https://rochellecosti.com/>

<https://www.youtube.com/watch?v=dLm3ILY9jTE>

Luciana Brito | Galeria



ARTISTAS

RENINA KATZ



LUZ E SOMBRA

Água forte e ponta seca

51,5X35 cm

2001



GABINETE DE ESTAMPAS
Departamento de Desenhos e Gravuras da Unicamp

Nascida no Rio de Janeiro em 1925. Gravadora, desenhista, ilustradora, professora. Cursa a Escola Nacional de Belas Artes (Enba), no Rio de Janeiro, entre 1947 e 1950. Tem como professores, entre outros, Henrique Cavalleiro (1892-1975) e Quirino Campofiorito (1902-1993). Licencia-se em desenho pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Inicia-se em xilogravura com Axl Leskoschek (1889-1975), em 1946. Incentivada por Poty Lazzarotto (1924- 1998), ingressa no curso de gravura em metal, oferecido por Carlos Oswald (1882-1971) no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Muda-se para São Paulo em 1951, e leciona gravura no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) e, posteriormente, na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), até a década de 1960. Em 1956, publica o primeiro álbum de gravuras, intitulado Favela. A partir dessa data, é docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), onde permanece por 28 anos.

Renina Katz é uma importante artista brasileira, reconhecida como parte do matriarcado da gravura no Brasil, pelo historiador da arte Geraldo Edson de Andrade. No século XX participou de importantes circuitos artísticos de Rio-São Paulo e realizou produções críticas ao regime da ditadura civil-militar que aconteceu no país de 1964 à 1985. Apesar das suas múltiplas atuações, como pintora, ilustradora e professora, Renina Katz é reconhecida, principalmente, por suas gravuras. As obras que compõe a exposição são parte de suas investigações mais recentes com a técnica da água forte e ponta seca, explorando diferentes texturas, a questão da luz e da sombra, e elementos que remetem a formas mais orgânicas, que nos lembram, por vezes, formas da natureza.

Saiba mais sobre Renina Katz e seu processo de criação (site de arte e vídeo 28min38)

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5505/renina-katz>

<https://www.youtube.com/watch?v=A3dmM-2c29c&t=66s>

Saiba mais sobre a técnica da ponta seca (vídeo 0min54 e 3min03)

<https://www.youtube.com/watch?v=2QU-RgcWnHO>

<https://www.youtube.com/watch?v=hyeuQzsZUV4>



ARTISTAS

SYLVIA FUREGATTI



HOJAS, HORAS, TRABALHO

Fotografia impressa sobre
Hahnemuhle Matt Fibre 200 gsm.
40x60 cm
2020

Artista visual e curadora vive e trabalha em Campinas. Sua produção artística direciona-se para ações e intervenções na paisagem, além de instalações e objetos que se vinculam à suas pesquisas docentes como professora da área tridimensional no Instituto de Artes da Unicamp. É membro fundadora do Pparalelo de Arte Contemporânea de Campinas/ppllartgroup.net. Professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unicamp, atualmente ocupa o cargo de Diretora do Museu de Artes Visuais MAV Unicamp. Tem seus trabalhos em coleções públicas e particulares tais como: SESC SP; MAC Campinas, MAV Unicamp, MAC Americana, dentre outros.

As fotografias de Sylvia Furegatti trazem diferentes camadas conceituais. Primeiro, podemos estabelecer uma leitura da própria imagem fotográfica, onde três palavras se alocam em um suporte inusual. O que parecem simples folhas, são cuidadosas e delicadas cirurgias de hibridação. Duas espécies vegetais são atadas por um laço criando disrupções de qualquer tentativa de análise normalizadora em relação a esses elementos comuns do cotidiano. E ao fundo diferentes cenários insinuam o deslocamento urbano. Para além da concepção poética de uma situação em imagens, as fotografias também são desdobramentos de uma intervenção artística no espaço público, onde a artista diretamente na cidade e com os passantes como seu público, desloca essas palavras e plantas em sua intervenção artística.

Saiba mais sobre Sylvia Furegatti e seu percurso artístico (site de arte)

<http://www.pparalelo.art.br/artistas/sylvia-furegatti/>

Saiba mais sobre arte pública (vídeo 6min49 e 3min)

<https://www.youtube.com/watch?v=WnqqqsDvSojM>

<https://www.youtube.com/watch?v=eExT5v44-AU>



ARTISTAS

TARSILA DO AMARAL



GARIMPEIRO

Gravura em metal

Talho doce sobre papel

38x44 cm

1972

Nasceu no município de Capivari, interior de São Paulo, no dia 1 de setembro de 1886. Estudou em São Paulo e completou seus estudos em Barcelona, na Espanha, onde pintou seu primeiro quadro, aos 16 anos. Em 1916, Tarsila começa a estudar no ateliê de William Zadig, escultor sueco radicado em São Paulo. Em 1920 vai para Paris, onde estuda e se relaciona com artistas modernistas, europeus e brasileiros. Expõe em Paris antes de expor no Brasil. Embora não tenha participado diretamente da “Semana de 22”, Tarsila se integra com os intelectuais modernistas. Faz parte do “Grupo dos Cinco”, juntamente com Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia. Sua obra atravessou três fases denominadas: “Pau-Brasil”, “Antropofágica” e “Social”.

Conhecida por suas pinturas, Tarsila do Amaral é uma famosa personalidade do movimento artístico modernista nacional. Na exposição contamos com uma de suas gravuras, chamada Garimpeiro, onde um personagem exerce seu ofício na beira de um rio. A cena e as formas remetem às principais características da artista, que se dedicou a representar os contextos populares brasileiros em busca de uma identidade estética tropical. As formas arredondadas são marcadas em sua obra e as cores, não tão intensas como em suas pinturas, respondem a especificidade da técnica da gravura. Uma pintura da artista estabelece algumas relação com essa gravura. O Pescador da fase Pau-Brasil, de 1925, traz um semelhante cenário e essa mesma personagem na beira do rio com sua ferramenta tirando peixes da água. Tarsila do Amaral faleceu em São Paulo, no dia 17 de Janeiro de 1973, pouco tempo após finalizar essa série de gravuras.

Saiba mais sobre Tarsila do Amaral, seu processo artístico e outras de suas obras (site da artista, vídeos 13min35 e 4min24)

<http://tarsiladoamaral.com.br/>

<https://www.youtube.com/watch?v=rvF2fp30cYM>

<https://www.youtube.com/watch?v=XkJ6MyETi2s>



ARTISTAS

VÂNIA MIGNONE



SEM TÍTULO

colagem e pintura sobre mdf

40x40 cm

2016

CASATRIÂNGULO

Campinas, 1967. Pintora e gravadora. Gradua-se em publicidade e propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/Campinas), São Paulo, em 1989. Durante a faculdade, forma-se como bailarina de corpo de baile e dá aulas de dança no Conservatório Municipal de Campinas. Decide-se por iniciar outra graduação, em educação artística, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Inicia a atividade em artes visuais com xilogravuras que expõe em coletivas, como a Mail Art Exhibition, na Espanha, em 1990. Conclui a segunda graduação em 1994, e no mesmo ano, recebe o prêmio estímulo da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas. Ministra curso livre de arte para crianças e adolescentes, atividade que mantém paralela à produção artística. Em 1995, realiza a primeira individual na galeria da Fundação Nacional de Arte (Funarte), no Rio de Janeiro, e no Centro Cultural São Paulo (CCSP). Entre 1997 e 2000, conquista diversos prêmios, como o da Bienal Nacional de Santos e prêmio aquisição do Projeto Abra/Coca-Cola de Arte Atual. Participa da Bienal Internacional de São Paulo em 2018.

Na exposição Proximidades Desiguais contamos com algumas obras de Vânia Mignone que expressam as principais características de sua pesquisa a partir da representação bidimensional. A obra sem título apresentada aqui, pode gerar estranhamento por trazer as palavras como elementos visuais e não com uma função nomeadora. A artista que se inspira nos meios de comunicação urbanos, como os outdoors, mistura palavra, pintura, colagem e gravura na criação de cenas que ao invés de nos projetarem informações, nos geram dúvida e questionamento, com paisagens reconhecíveis em contextos inusuais.

Saiba mais sobre Vânia Mignone, seu processo artístico e seus outros trabalhos (site da artista e vídeo 5min36)

<https://www.vaniamignone.com/>

<https://www.youtube.com/watch?v=42FJ3jBecik>



EDUCATIVO

DICA DE LEITURA

O projeto educativo da exposição Proximidades Desiguais se inspirou no ensaio ‘Porque não houve grandes mulheres artistas?’ de 1971 da historiadora da arte Linda Nochlin. A indagação da pesquisadora não é diretamente uma observação da nossa realidade de hoje, mas se propõe a uma análise do cenário artístico além de seu próprio tempo, olhando os momentos precedentes da história da arte moderna, de seu início iluminista até a culminação das conhecidas vanguardas europeias, para, frente às indagações dos movimentos sociais e culturais dos anos 1970 quanto a participação e invisibilidade das mulheres na vida pública, afirmar que não houveram grandes mulheres artistas na história da arte. A afirmação, que parece dura, é na verdade ponto de partida, enquanto dado histórico, para análise das condições sociais e materiais promotoras dessa realidade, nos dando a possibilidade de repensarmos nosso presente e imaginar futuros diferentes, até os dias de hoje.

Em nosso material de vídeo compartilhamos uma pergunta disparadora com os estudantes para pensarmos juntos: existe uma arte de mulher? A provocação parte de ideias compartilhadas pela historiadora da arte, mas busca uma construção coletiva e atual do significado de realizar, ainda nos dias de hoje, exposições de artes exclusivamente com artistas mulheres.

Para Linda Nochlin, arte de mulher não existe enquanto um dado estético, visual. Sua posição é um questionamento a críticos de arte, que afirmavam na época, com a entrada das mulheres no circuito artístico, que essas teriam mais habilidade para as artes utilitárias e decorativas, insistindo em conservar o espaço da Arte, com “a” maiúsculo ou da arte pela arte, a artistas masculinos. É claro que essas colocações já desvelam um problemático esquema de valorização dos diferentes tipos de artes, que podemos inclusive questionar nos dias de hoje. Contudo, a colocação da historiadora, nos é interessante, pois é uma defesa de que o gênero, ou marcadores sociais, não determinam, simplesmente, a qualidade e a característica estética. Um bom exemplo que temos a mão é esse próprio material do(a) professor(a) e suas 16 artistas com produções completamente diferentes entre si, onde não conseguimos determinar uma característica comum que possa ser justificada pelo fato de serem mulheres.

Mas então, a qualidade estética está vinculada a quê? Se não ao gênero, por que não houve mulheres artistas, com reconhecimento, antes do século XX? Porque artistas não são simplesmente seres que nascem geniais. Apesar de ainda hoje ser possível convivermos com discursos que reiteram a ideia do “dom”, como aquilo que determina um artista, é interessante considerarmos outras abordagens sobre o tema. As pesquisas da neurociência e da psicologia sobre habilidades e personalidade, certamente, podem nos dar, atualmente, outros recursos para entendermos esse “dom”.



EDUCATIVO

DICA DE LEITURA

Contudo, mesmo nessas aproximações científicas do desenvolvimento humano, as questões ambientais aparecem como importantes fatores dos nossos percursos. E o que Linda Nochlin argumenta na resposta a pergunta de seu ensaio, a partir dos contextos sociais, é exatamente uma busca pela desconstrução da ideia da genialidade, da qualidade nata do artista, jogando luz às estruturas materiais e sociais que tornam possível uma pessoa tornar-se artista, como a educação informal familiar, o incentivo e a oferta de materiais artísticos, o acesso aos espaços de educação não formal como ateliês de artistas e mestres, a admissão nos espaços formais de educação e comércio das artes como as Escolas de Belas Artes, os salões e os circuitos dos mecenatos.

Lembrar que no auge da arte moderna ocidental, esses recursos e estruturas eram negadas, e por vezes proibidas às mulheres, é como Linda Nochlin justifica esse grande período temporal em que a história da arte possui, quase exclusivamente, personagens masculinos dentro da realidade da tradição europeia. Apesar de ser um texto que precisa ser situado no tempo, no seu período, ele hoje nos recorda que as mulheres artistas não compartilham de uma estética, mas de uma história social, o que nos inspira a comemorarmos o mês de Março com uma exposição exclusiva de artistas mulheres. E enquanto educadores nos reforça a celebrar e garantir a universalização do direito à educação, como condição ambiental e social, para que cada um e uma tenha oportunidade de desenvolver seus “dons”.

Conheça na íntegra a referência bibliográfica (28 páginas)

<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>



Linda Nochlin em Paris, 1978.

Foto: Marion Kalter.

Acervo: <https://nmwa.org/>



EDUCATIVO

ATIVIDADE PRÁTICA

A partir do atravessamento da diversidade de expressões e estéticas das artistas da exposição *Proximidades Desiguais* e a chave do direito à educação, propomos uma atividade prática de realização de zines que pode ser desenvolvida com os estudantes.

Os zines ou fanzines são materiais que juntam imagens e textos para circulação de ideias em formato de livreto. Originalmente, os zines faziam parte de movimentos de contracultura, eram feitos manualmente e xerocados, garantindo o baixo custo de seu feitiço, reconhecendo os restritos esquemas de valorização de diferentes culturas e as limitações da circulação de conhecimento de seu período. A partir desse esquema de produção podiam, então, chegar a um público mais amplo e serem protagonistas de seus próprios conhecimentos e movimentos culturais de maneira criativa e possibilitando resultados estéticos diversos. Acreditamos que a prática do zine pode ser um ótimo incentivo a pesquisa e a expressão dos estudantes, também possibilitando a troca de ideias entre eles e o restante da comunidade escolar durante ou pós o período de quarentena.

Esta atividade é possível ser realizada com materiais diversos. Vamos compartilhar aqui algumas dicas:

- **Tema:** para a organização de ideias é interessante a escolha de um tema, que pode ser proposto pelo professor ou pode ser uma abordagem mais ampla, possibilitando que cada estudante eleja seu tema de trabalho. As propostas podem ser interdisciplinares trabalhando literaturas e conteúdos de outras disciplinas; conjunturais, estabelecendo relações com temas da atualidade; ou podem inclusive ser sobre as impressões e experiências dos estudantes em nossa visita virtual à exposição *Proximidades Desiguais*.

- **Suporte:** para realização do livreto é necessário usar um suporte para os textos e imagens. O mais comum é a utilização do papel sulfite, mas havendo falta deste material podemos propor aos estudantes o uso da criatividade usando outros materiais, que podem inclusive dar uma camada conceitual a sua proposta, dependendo do tema escolhido por eles. Ex: papelão, papel de pão, jornal, revistas, tecidos, etc. Uma vez que são materiais inusuais, é importante verificar se os estudantes se sentem confiantes para tais investigações, pode ser uma boa alternativa o levantamento conjunto entre professor(a) e estudantes dos materiais disponíveis e a busca coletiva de estratégias para seu uso, afim de dar uma maior segurança a respeito dos resultados estéticos, para que se sintam mais confortáveis a experimentar práticas novas.



EDUCATIVO

ATIVIDADE PRÁTICA

• **Técnicas:** como compartilhado ao longo da visita no material de vídeo e também conferido neste material, são muitas as possibilidades estéticas de produção de uma imagem. Incentive seus estudantes a se expressarem, mas a também experimentarem coisas novas. A figuração é sempre nossa aliada, mas também a abstração pode ser uma excelente forma de se expressar nestes momentos de incertezas coletivas. A colagem de imagens de revistas, de texturas e pequenos objetos do cotidiano podem compor essas produções. As ideias de narrativa, memória ou mesmo paisagem podem inspirar a elaboração dessas imagens. Caso seja também de interesse, porque não inserir palavras? A palavra pode ser imagem ou pode ser texto, abrindo a possibilidade de pesquisa de poemas, textos jornalísticos, etc. Com o que tivermos em casa, lápis, caneta, canetinha, giz, tinta ou mesmo pigmentos caseiros, é possível criarmos um zine. Só é importante lembrar que cada material e cada suporte responde de uma maneira diferente, então nada melhor que experimentar e testar para ver o que gera resultados mais interessantes.

Ao final da atividade estes zines podem ser digitalizados, xerocados ou fotografados e compartilhados com mais pessoas da comunidade escolar ou externas. Caso seja possível, mandem para gente as produções das sua escola.



Proposta de atividade

Foto: Pavão Cultural

Acervo: Pavão Cultural





INSTITUTO PAVÃO CULTURAL



@pavaocultural



/pavaocultural



pavão cultural



pavaocultural.org



(19) 99633-4104



educativo@pavaocultural.org

Rua Maria Tereza Dias da Silva, 708 - Barão Geraldo, Campinas